

Arthur Conan Doyle

O Detetive Moribundo

O Detetive Moribundo

Mrs. Hudson, a senhoria de Sherlock Holmes, era uma mulher muito paciente. Não só seu apartamento no térreo era invadido a toda hora por hordas de figuras singulares e com frequência indesejáveis, como seu extraordinário inquilino mostrava uma excentricidade e uma irregularidade em sua vida que deviam submeter sua resignação a uma rude prova. Seu incrível desmazelo, seu costume de tocar violino em horas inusitadas, sua ocasional prática de tiro ao alvo dentro de casa, seus esquisitos e muitas vezes malcheirosos experimentos científicos e a atmosfera de violência e perigo que o envolvia faziam dele sem dúvida o pior inquilino de Londres. Por outro lado, ele a pagava principescamente. Não tenho dúvida de que a casa poderia ter sido comprada pelo preço que Holmes pagou por seus aposentos durante os anos que passei com ele.

A senhoria nutria o mais profundo respeito por ele e nunca ousava interferir em sua vida, por mais ultrajante que a sua conduta pudesse parecer. Gostava dele, também, porque era de notável gentileza e cortesia ao tratar com mulheres. Tinha antipatia e desconfiança delas, mas era um adversário cavalheiresco. Sabendo como a estima de Mrs. Hudson por ele era genuína, ouvi sua história com atenção quando ela foi ao meu apartamento no segundo ano de minha vida de casado e me contou sobre o triste estado a que meu pobre amigo estava reduzido. “Ele está morrendo, dr. Watson”, disse ela. “Faz três dias que vem definhando e duvido que passe de hoje. Não quis me deixar chamar um médico. Esta manhã, quando vi os ossos ficando salientes em seu rosto e seus olhos grandes e brilhantes me fitando, não pude mais suportar aquilo. ‘Com ou sem a sua permissão, Mr. Holmes, vou chamar um médico agora mesmo’, disse eu. ‘Então que seja o Watson’, respondeu ele. Acho que deve ir agora mesmo, doutor, ou corre o risco de não o pegar vivo.”

Fiquei horrorizado, porque não tinha tido nenhuma notícia de sua

doença. Não preciso dizer que corri para pegar meu paletó e meu chapéu. No carro, a caminho de Baker Street, pedi detalhes.

“Não posso lhe contar muita coisa, doutor. Ele andou trabalhando num caso em Rotherhithe, numa viela perto do rio, e trouxe essa doença de volta consigo. Caiu de cama na tarde da quarta-feira e não se levantou mais. Durante estes três dias não comeu nem bebeu nada.”

“Meu Deus! Por que não chamou um médico?”

“Ele não quis, doutor. Sabe como é autoritário. Não ousei desobedecê-lo. Não ficará muito tempo neste mundo, como logo o senhor verá com seus próprios olhos.”

Holmes pareceu realmente um espetáculo deplorável. Na luz baça de um dia enevoado de novembro, o quarto do doente era um lugar sombrio, mas o que me deu um calafrio foi aquele rosto macilento e devastado olhando para mim da cama. Seus olhos tinham o brilho da febre, havia um rubor héctico nas suas faces e crostas escuras em seus lábios; as mãos magras sobre a colcha crispavam-se constantemente e a voz era áspera e espasmódica. Quando entrei no quarto estava deitado apaticamente, mas minha aparição despertou um lampejo de reconhecimento em seus olhos.

“Bem, Watson, parece que estamos em maus lençóis”, disse ele, com uma voz débil, mas com algo de seu velho jeito negligente.

“Meu caro amigo!” exclamei, aproximando-me.

“Não se aproxime! Fique aí!” gritou ele, com a imperiosidade brusca que eu só associava a momentos de crise. “Se chegar perto de mim, Watson, vou mandar que saia desta casa.”

“Mas por quê?”

“Porque é o meu desejo. Isto não basta?”

Sim, Mrs. Hudson estava certa. Ele estava mais autoritário que nunca. Dava pena, contudo, ver seu depauperamento.

“Só quis ajudar”, expliquei.

“Exatamente! Ajudará melhor fazendo o que eu mandar.”

“Com certeza, Holmes.”

Suas maneiras tornaram-se menos ríspidas.

“Não está zangado?” perguntou, arquejando.

Pobre coitado, como eu poderia estar zangado vendo-o prostrado diante de mim naquela situação?

“É para o seu próprio bem, Watson”, gemeu ele.

“Para o *meu* bem?”

“Sei qual é o meu problema. É uma doença dos cules de Sumatra — um mal sobre o qual os holandeses sabem mais que nós, embora lhe tenham dado pouca importância até hoje. Só uma coisa é certa. É infalivelmente mortal e horripelantemente contagioso.”

Falava agora com uma energia febril, as mãos longas crispando-se e contraindo-se em espasmos ao fazer gestos para que eu me afastasse.

“Isto é, contagioso pelo toque, Watson... sim, pelo toque. Fique a distância e tudo estará bem.”

“Céus, Holmes! Supõe que uma consideração desse tipo pode me deter sequer por um instante? Ela não me afetaria no caso de um estranho. Imagina que isso me impediria de cumprir meu dever para com um velho amigo como você?”

Avancei de novo, mas ele me repeliu com um olhar iracundo.

“Se ficar aí eu falo. Se não, terá de sair do quarto.”

Tenho tamanho respeito pelas qualidades extraordinárias de Holmes que sempre me submeti a seus desejos, por menos que os compreendesse. Mas naquele momento todos os meus instintos profissionais foram despertados. Que ele fosse o meu mestre em outros lugares; pelo menos ali, num quarto de doente, eu era o dele.

“Holmes”, disse eu, “você está fora de si. Um doente não passa de uma criança, e vou tratá-lo como tal. Quer goste, quer não, vou examinar seus sintomas e medicá-lo.”

Ele me fitou com olhos malévolos.

“Se vou ter um médico, quer queira ou não, deixe-me pelo menos ter alguém em quem tenho confiança”, disse.

“Então não tem nenhuma em mim?”

“Na sua amizade, certamente. Mas fatos são fatos, Watson, e afinal de contas você é apenas um clínico geral com experiência limitada e qualificações medíocres. É doloroso ter de dizer estas coisas, mas você não

me deixa escolha.”

Fiquei profundamente magoado.

“Essa observação é indigna de você, Holmes. Ela me mostra muito claramente o estado dos seus nervos. Mas se não tem nenhuma confiança em mim, não lhe imporei meus serviços. Deixe-me trazer Sir Jasper Meek ou Penrose Fisher, ou algum dos melhores homens em Londres. Mas precisa ser visto por *alguém*, e isto é definitivo. Se pensa que vou ficar aqui vendo-o morrer sem nem ajudá-lo eu mesmo, nem trazendo alguma outra pessoa para ajudá-lo, está muito enganado.”

“Sua intenção é boa, Watson”, disse o doente, com algo entre um soluço e um gemido. “Preciso demonstrar sua própria ignorância? Que sabe você, por favor, sobre a febre de Tapanuli? Que sabe sobre o cancro negro de Formosa?”

“Nunca ouvi falar de nenhuma dessas doenças.”

“Há muitos problemas de saúde, muitas possibilidades patológicas estranhas no Oriente, Watson.” Fazia uma pausa após cada frase para reunir as forças que lhe sobravam. “Aprendi isso durante algumas pesquisas recentes que têm um aspecto médico-criminal. Foi no curso delas que contraí esta enfermidade. Você não pode fazer nada.”

“Possivelmente não. Mas por acaso sei que o dr. Ainstree, a maior autoridade viva em doenças tropicais, encontra-se em Londres agora. Não adianta reclamar, Holmes. Vou buscá-lo agora mesmo.” Voltei-me resolutamente para a porta.

Eu nunca sofrera um choque como aquele! Num instante, com um salto de tigre, o moribundo havia me interceptado. Ouvi o estalo seco de uma chave sendo torcida. Um momento depois ele voltara cambaleando para a cama, exausto e arfando depois daquela tremenda explosão de energia.



“Ouvi o estalo seco de uma chave sendo torcida.” [Walter Paget, *Strand Magazine*, 1913]

“Não vai tirar a chave de mim a força, Watson. Eu o peguei, meu amigo. Você está aqui e aqui ficará até que eu decida outra coisa. Vou satisfazer o seu desejo.” (Tudo isto com a voz entrecortada, com terríveis arquejos entre as palavras.) “Você só deseja o meu bem. Claro que sei disso perfeitamente. Poderá fazer o que quer, mas dê-me tempo para reunir forças. Não agora, Watson, não agora. São quatro horas. Às seis você poderá ir.”

“Isso é loucura, Holmes.”

“Só duas horas, Watson. Prometo que irá às seis. Pode esperar?”

“Parece que não tenho escolha.”

“Absolutamente nenhuma, Watson. Muito obrigado, não preciso de ajuda para arrumar os lençóis. Queira por favor manter-se à distância. Agora, Watson, há uma outra condição que gostaria de estabelecer. Você irá pedir ajuda, mas não ao homem que mencionou e sim àquele que eu escolher.”

“Como queira.”

“Estas são as duas primeiras palavras sensatas que pronuncia desde que

entrou neste quarto, Watson. Encontrará alguns livros ali. Estou exausto; imagino como se sente uma bateria quando despeja eletricidade num não condutor! Às seis, Watson, voltaremos a conversar.”

Mas a conversa estava destinada a recomeçar muito antes dessa hora, e em circunstâncias que me causaram um choque quase tão grande quanto o provocado pelo salto que ele dera até a porta. Eu passara alguns minutos olhando a figura silenciosa na cama. Seu rosto estava quase coberto pelos lençóis e ele parecia dormir. Então, incapaz de me acomodar para ler, pus-me a caminhar lentamente pelo quarto, examinando os quadros de criminosos célebres com que todas as paredes estavam decoradas. Por fim, perambulando a esmo, aproximei-me do aparador da lareira. Sobre ele se espalhava uma profusão de cachimbos, tabaqueiras, seringas, canivetes, cartuchos de arma de fogo e outras bugigangas. No meio de tudo isso havia uma pequena caixa de marfim preta e branca com tampa deslizante. Era uma coisinha muito elegante, e eu estendera minha mão para examiná-la mais de perto quando...

Foi um grito medonho que ele deu — um berro que poderia ter sido ouvido da rua. Minha pele ficou gelada e meu cabelo se arrepiou com esse horrível brado. Ao me virar, dei com um rosto convulsionado e olhos frenéticos. Fiquei paralisado, a caixinha na mão.

“Largue isso! Largue, neste instante, Watson — neste instante, estou dizendo!” Sua cabeça caiu de volta no travesseiro e ele soltou um profundo suspiro de alívio quando pus a caixa de volta no aparador. “Detesto que toquem nas minhas coisas, Watson. Sabe muito bem disto. Está me enervando de maneira insuportável. Você, um médico... você é o bastante para levar um paciente para o hospício. Sente-se, homem, e me deixe descansar!”



“Largue isso! Largue, neste instante, Watson — neste instante, estou dizendo!” [Walter Paget, *Strand Magazine*, 1913]

O incidente deixou-me uma impressão sumamente desagradável. A excitação violenta e sem motivo, seguida por essa maneira rude de falar, tão distante de sua suavidade usual, mostrou-me como a desorganização de sua mente era profunda. De todas as ruínas, a de uma mente nobre é a mais deplorável. Sentei-me em silêncio, abatido, até que o tempo estipulado passasse. Ele parecia ter estado olhando o relógio tanto quanto eu, pois mal eram seis horas quando começou a falar com a mesma animação febril de antes.

“Agora, Watson”, disse. “Tem alguns trocados no bolso?”

“Tenho.”

“Alguma moeda de prata?”

“Muitas.”

“Quantas meias coroas?”

“Tenho cinco.”

“Ah, pouco demais! Pouco demais! Que pena, Watson! Mesmo assim, ponha-as no bolso do relógio. E ponha todo o resto do seu dinheiro no bolso esquerdo da calça. Muito obrigado. Assim você ficará muito mais bem-equilibrado.”

Isso era insanidade delirante. Ele teve um estremecimento e novamente produziu um som entre uma tosse e um soluço.

“Agora você vai acender o gás, Watson, mas proceda com muito cuidado para que nem por um instante ele fique aceso mais que pela metade. Eu lhe imploro que tenha cuidado, Watson. Obrigado, assim está ótimo. Não, não precisa baixar a persiana. Agora tenha a bondade de pôr algumas cartas e papéis sobre esta mesa, ao meu alcance. Muito obrigado. Agora um pouco daqueles objetos em desordem sobre o aparador. Excelente, Watson! Há uma pinça para açúcar ali. Por gentileza levante aquela caixinha de marfim com a ajuda dela. Ponha-a aqui entre os papéis. Ótimo! Agora pode ir chamar Mr. Culverton Smith, de Lower Burke Street nº 13.”

Para falar a verdade, meu desejo de ir chamar um médico diminuía um pouco, pois o pobre Holmes estava tão obviamente delirante que parecia perigoso deixá-lo. No entanto, agora ele se mostrava tão ansioso por consultar a pessoa citada como estivera antes obstinado em recusar-se a fazê-lo.

“Nunca ouvi esse nome”, disse eu.

“Possivelmente não, meu bom Watson. Talvez o surpreenda saber que o homem mais versado nessa doença na face da Terra não é um médico, mas um agricultor. Mr. Culverton Smith é um conhecido residente de Sumatra, agora em visita a Londres. Um surto da doença em sua fazenda, que era distante de recursos médicos, levou-o a estudá-la ele próprio, com algumas consequências bastante consideráveis. Ele é uma pessoa muito metódica e eu não quis que você partisse antes das seis porque sabia que não o encontraria em seu gabinete. Se puder convencê-lo a vir aqui e a nos dar o benefício de sua experiência singular dessa doença, cuja investigação tem sido seu mais caro *hobby*, não tenho dúvida de que ele poderá me ajudar.”

Estou relatando as observações de Holmes como um todo consecutivo, e não tentarei indicar como eram interrompidas por arquejos e aquelas contrações das mãos que indicavam as dores que sofria. Seu aspecto mudara para pior nas poucas horas que eu passara com ele. Aquelas manchas héticas

eram mais pronunciadas, os olhos brilhavam mais vivamente, estavam mais fundos e um suor frio luzia em sua testa. Ele ainda conservava, no entanto, a cortesia elegante de sua fala. Até o último suspiro, seria sempre o mestre.

“Você lhe contará exatamente como me deixou”, disse ele. “Trate de lhe transmitir a impressão que está na sua própria mente... um moribundo... um moribundo delirante. Na verdade, não entendo por que todo o leito do oceano não é uma massa sólida de ostras, tão prolíficas parecem essas criaturas. Ah, estou divagando! É estranho como o cérebro controla o cérebro! Que é mesmo que eu estava dizendo, Watson?”

“Minhas instruções para Mr. Culverton Smith.”

“Ah, sim, eu me lembro. Minha vida depende disso. Peça-lhe encarecidamente, Watson. Não nos estimamos muito. O sobrinho dele, Watson — desconfiei que ele fizera uma velhacaria e o deixei perceber. O rapaz sofreu uma morte horrível. Ele tem rancor de mim. Você o aplacará, Watson. Peça, implore, traga-o aqui de qualquer maneira. Ele pode me salvar... somente ele!”

“Eu o trarei num carro de aluguel, nem que precise carregá-lo até ele.”

“Não fará nada disso. Você o convencerá a vir. E depois retornará na frente dele. Dê alguma desculpa para não vir com ele. Não esqueça, Watson. Não me desaponte. Você nunca me desapontou. Sem dúvida há inimigos naturais que limitam a proliferação das criaturas. Você e eu, Watson, nós fizemos a nossa parte. Será que o mundo ficará então infestado de ostras? Não, não; horrível. Você transmitirá tudo o que está na sua mente.”

Deixei-o impressionado com a imagem desse magnífico intelecto a tagarelar como uma criança tola. Ele me entregara a chave e tive a feliz ideia de me apossar dela, temendo que pudesse se trancar lá dentro. Mrs. Hudson me esperava no corredor, tremendo e chorando. Atrás de mim, ao sair do apartamento, ouvi a voz alta e fina de Holmes numa lenga-lenga delirante. Embaixo, quando eu assobiava para chamar um carro de aluguel, um homem se aproximou de mim através do nevoeiro.

“Como está Mr. Holmes, senhor?” perguntou.

Era um velho conhecido, o inspetor Morton, da Scotland Yard; à paisana, vestia um terno de *tweed*.

“Está muito doente”, respondi.

Olhou-me de uma maneira singularíssima. Se isso não fosse demoníaco demais, eu poderia ter imaginado, à luz fraca da bandeira da porta, que sua fisionomia estava exultante.

“Ouvi algum rumor sobre isso”, disse ele.

O carro chegara e eu o deixei.

Lower Burke Street revelou-se uma fila de belas casas nos vagos limites entre Notting Hill e Kensington. Aquela diante da qual meu cocheiro parou tinha um ar de presunçosa e grave respeitabilidade com sua grade de ferro antiquada, sua pesada porta de dois batentes e seus bronzes reluzentes. Tudo estava em conformidade com um solene mordomo que apareceu emoldurado pela claridade rósea de uma luz elétrica atrás de si.

“Sim, Mr. Culverton Smith está em casa, dr. Watson! Muito bem, senhor, levarei o seu cartão.”

Meu humilde nome e título não pareceram impressionar Mr. Culverton Smith. Através da porta semiaberta, ouvi uma voz aguda, petulante e penetrante.

“Quem é essa pessoa? Que quer ele? Meu Deus, Staples, quantas vezes já disse que não devo ser perturbado em minhas horas de estudo?”

Ouvi um fluxo suave de explicação tranquilizadora da parte do mordomo.

“Bem, não vou recebê-lo, Staples. Não posso ter meu trabalho interrompido assim. Não estou em casa. Diga isto. Diga-lhe para vir de manhã, se realmente precisar me ver.”

Novamente o murmúrio suave.

“Bem, bem, dê-lhe este recado. Pode vir de manhã, ou não vir. Meu trabalho não deve ser estorvado.”

Pensei em Holmes a se agitar em seu leito de doente e a contar os minutos, talvez, até que eu lhe levasse ajuda. Não era hora de fazer cerimônia. A vida dele dependia de minha diligência. Antes que o pesaroso mordomo tivesse transmitido seu recado, eu o empurrara e estava na sala.

Com um grito esganiçado de raiva, um homem se levantou de uma espreguiçadeira junto ao fogo. Vi uma grande face amarela, de textura áspera e gordurosa, com um pesado queixo duplo e dois olhos cinza mal-humorados e ameaçadores que me fitavam sob bastas sobranceiras ruivas. Sobre a alta

cabeça calva, coquetemente de lado, usava um pequeno barrete de veludo. O volume do crânio era enorme, mas, ao baixar os olhos, vi para meu espanto que o corpo do homem era pequeno e frágil, encurvado nos ombros e nas costas como o de alguém que tivesse sofrido de raquitismo na infância.

“Que é isto?” gritou com voz aguda, estridente. “Que significa esta invasão? Não mandei lhe dizer que o receberia amanhã de manhã?”



“Que é isto?” gritou com voz aguda, estridente. ‘Que significa esta invasão?’”
[Walter Paget, *Strand Magazine*, 1913]

“Lamento”, respondi, “mas o assunto não pode ser adiado. Mr. Sherlock Holmes...”

A menção do nome de meu amigo teve um efeito extraordinário sobre o homenzinho. A expressão de raiva desapareceu num instante de seu rosto. Seus traços ficaram tensos e alertas.

“Veio da parte de Holmes?” perguntou.

“Acabo de deixá-lo.”

“Que me diz de Holmes? Como está ele?”

“Está desesperadamente doente. Foi por isso que vim.”

O homem indicou-me uma cadeira e voltou-se para sentar-se de novo na sua. Quando o fez, pude vislumbrar seu rosto no espelho sobre o aparador. Eu teria podido jurar que vi nele um sorriso maldoso e abominável. Mas convenci-me de que devia ter sido alguma contração nervosa que eu surpreendera, porque um instante depois ele se virou para mim com genuína inquietação em seu semblante.

“Lamento muito ouvir isso”, disse. “Só conheço Mr. Holmes através de certos negócios que fizemos, mas tenho profundo respeito por seus talentos e seu caráter. Ele é um cultor do crime, como eu de doenças. Para ele o bandido, para mim o micróbio. Aquelas são minhas prisões”, continuou ele, apontando para uma fileira de garrafas e recipientes de vidro sobre uma mesa lateral. “Em meio a essas culturas de gelatina, alguns dos piores facínoras da natureza estão cumprindo pena agora.”

“Foi em razão de seu conhecimento especial que Mr. Holmes quis que eu viesse procurá-lo. Ele o tem em alta conta e o considera o único homem em Londres capaz de ajudá-lo.”

O homenzinho teve um sobressalto e o vistoso barrete escorregou, caindo no chão.

“Por quê?” perguntou. “Por que Mr. Holmes pensaria que posso ajudá-lo em sua atribulação?”

“Por causa de seu conhecimento de doenças orientais.”

“Mas por que ele pensa que essa doença que contraiu é oriental?”

“Porque, numa investigação profissional, ele esteve trabalhando entre marinheiros chineses no cais.”

Mr. Culverton Smith sorriu amavelmente e apanhou o barrete.

“Ah, é isso... não é?” disse. “Espero que não seja nada tão grave quanto supõe. Há quanto tempo ele está doente?”

“Há cerca de três dias.”

“Está delirando?”

“Ocasionalmente.”

“Ai, ai! Isso parece sério. Seria desumano não atender ao chamado dele. Aborrece-me muito qualquer interrupção de meu trabalho, dr. Watson, mas

esse caso é realmente excepcional. Irei com o senhor imediatamente.”

Lembrei-me da ordem de Holmes.

“Tenho um outro compromisso”, respondi.

“Muito bem. Irei sozinho. Tenho o endereço de Mr. Holmes anotado. Pode estar certo de que estarei lá em no máximo meia hora.”

Foi com o coração confrangido que voltei ao quarto de Holmes. Pelo que eu vira, o pior poderia ter acontecido em minha ausência. Para meu enorme alívio, ele melhorara muito no intervalo. Seu aspecto ainda estava péssimo, porém não tinha mais nenhum vestígio de delírio e falava com uma voz débil, é verdade, mas com até mais animação e clareza que de costume.

“E então, esteve com ele, Watson?”

“Estive; está vindo.”

“Admirável, Watson! Admirável! Você é o melhor dos mensageiros!”

“Ele queria vir comigo.”

“Isso não poderia ser, Watson. Isso seria obviamente impossível. Ele perguntou qual era o meu mal?”

“Contei-lhe sobre os chineses no East End.”

“Exatamente! Bem, Watson, você fez tudo que um bom amigo teria podido fazer. Agora pode sair de cena.”

“Devo esperar e ouvir a opinião dele, Holmes.”

“Claro que deve. Mas tenho motivos para supor que essa opinião será muito mais franca e valiosa se ele imaginar que estamos a sós. Há espaço suficiente atrás da cabeceira da minha cama, Watson.”

“Meu caro Holmes!”

“Temo que não haja alternativa, Watson. O quarto não propicia muitos esconderijos, o que é bom, já que assim é menos provável que desperte desconfiança. Mas exatamente ali, Watson, acho que seria possível.” De repente ele se sentou com uma expressão de rígida atenção em seu semblante abatido. “Ouço rodas, Watson. Rápido, homem, se gosta de mim! E não saia daí, aconteça o que acontecer... aconteça o que acontecer, está ouvindo? Não fale! Não se mexa! Apenas ouça com os ouvidos bem abertos.” Um instante depois seu súbito acesso de vigor passou, e sua fala autoritária, decidida, transformou-se no murmúrio indistinto de um homem semidelirante.

Do esconderijo em que fora tão rapidamente metido, ouvi os passos na escada e a porta do quarto de dormir ser aberta e fechada. Em seguida, para minha surpresa, fez-se um longo silêncio, quebrado apenas pela respiração pesada e os arquejos do doente. Pude imaginar que nosso visitante estava parado à cabeceira da cama, olhando para Holmes. Finalmente aquela estranha quietude foi quebrada.

“Holmes”, ele exclamou. “Holmes!” No tom insistente de alguém que lembra uma pessoa. “Pode me ouvir, Holmes?” Ouvi um farfalhar, como se ele tivesse sacudido o enfermo rudemente pelo ombro.

“Está aqui, Mr. Smith?” sussurrou Holmes. “Eu mal ousava esperar que viesse.”

O outro riu.

“Posso imaginar”, disse ele. “No entanto, como vê, cá estou. Brasas vivas, Holmes... brasas vivas!”

“É muita bondade sua... muita nobreza da sua parte. Valorizo seu conhecimento especial.”

Nosso visitante riu em silêncio.

“Você valoriza. É, felizmente, o único homem de Londres a fazê-lo. Sabe qual é o seu mal?”

“O mesmo”, disse Holmes.

“Ah! Reconhece os sintomas?”

“Bem demais.”

“Ora, eu não ficaria surpreso, Holmes, não ficaria surpreso se *fossem* os mesmos. Você está em apuros se forem. O pobre Victor era um homem morto no quarto dia — um rapaz jovem, vigoroso. Era sem dúvida muito surpreendente, como você disse, que ele tivesse contraído uma doença asiática extravagante no coração de Londres — além do mais, uma doença sobre a qual eu fizera um estudo tão especial. Coincidência singular, Holmes. Foi muita esperteza sua perceber isso, mas muito pouco caridoso sugerir que havia uma relação de causa e efeito.”

“Eu sabia que você fizera aquilo.”

“Ah, sabia mesmo? Bem, de todo modo não tinha como provar isso. Mas que belo papel está fazendo, espalhando denúncias sobre mim dessa

maneira e depois rastejando aos meus pés para pedir ajuda quando está em apuros? Que tipo de jogo é esse... hein?”

Ouvi a respiração áspera, difícil do doente. “Dê-me água!” arquejou.

“Está muito perto do fim, meu amigo, mas não quero que vá antes de termos uma conversinha. É por isto que lhe dou água. Pronto, não a derrame! Muito bem. Consegue entender o que digo?”

Holmes gemeu.

“Faça o que puder por mim. O que passou, passou”, sussurrou. “Vou esquecer o que sei... juro que vou. Cure-me e esquecerei tudo.”

“Esquecerá o quê?”

“Bem, sobre a morte de Victor Savage. Praticamente acaba de admitir que foi o responsável. Vou esquecer isso.”

“Pode esquecer ou lembrar, como queira. Não o vejo no banco das testemunhas. É dentro de um caixão que o vejo, meu bom Holmes, acredite em mim. Não me importa em absoluto o que possa saber sobre a morte do meu sobrinho. Não é sobre ele que estamos falando. É sobre você.”

“Sim, sim.”

“O sujeito que foi me procurar — esqueci o nome dele — disse que você a contraiu no East End, entre os marinheiros.”

“É a única explicação que consigo encontrar.”

“Você se orgulha do seu cérebro, não é, Holmes? Considera-se inteligente, não é? Desta vez encontrou alguém mais inteligente. Tente rememorar, Holmes. Não consegue pensar em outra maneira pela qual poderia ter pegado isso?”

“Não consigo pensar. Minha mente não funciona. Pelo amor de Deus, ajude-me!”

“Sim, vou ajudá-lo. Vou ajudá-lo a compreender exatamente como está e como ficou assim. Gostaria que você soubesse antes de morrer.”

“Dê-me alguma coisa para aliviar minha dor.”

“Sente dor, não é? Sim, os cules costumavam uivar perto do fim. São cãibras que sente, imagino.”

“Sim, sim; são cãibras.”

“Hm, mal ou bem, você está conseguindo ouvir o que eu digo. Ouça

agora! Consegue se lembrar de algum incidente inusitado em sua vida exatamente na época em que os sintomas começaram?”

“Não, não; nada.”

“Pense de novo.”

“Estou doente demais para pensar.”

“Bem, vou ajudá-lo. Recebeu alguma coisa pelo correio?”

“Pelo correio?”

“Uma caixa por acaso?”

“Estou desmaiando... vou morrer!”

“Ouça, Holmes!” Ouvi um som, como se ele estivesse sacudindo o moribundo, e não pude fazer outra coisa senão continuar quieto em meu esconderijo. “Você tem de me ouvir. Você *vai* me ouvir. Lembra-se de uma caixa... uma caixa de marfim? Ela chegou quarta-feira. Você a abriu... lembra-se?”

“Sim, sim, eu a abri. Havia uma mola de ponta afiada dentro dela. Alguma brincadeira...”

“Não era brincadeira, como você vai descobrir à sua própria custa. Seu idiota, você quis isso e conseguiu. Quem lhe pediu para cruzar o meu caminho? Se tivesse me deixado em paz eu não o teria ferido.”

“Eu me lembro”, arquejou Holmes. “A mola! Tirou sangue. Essa caixa... essa sobre a mesa.”

“Ela mesma, meu Deus! Ela poderá também deixar o quarto no meu bolso. Lá se vai seu último vestígio de prova. Mas agora você conhece a verdade, Holmes, e pode morrer sabendo que eu o matei. Você sabia demais sobre o destino de Victor Savage, por isso o fiz partilhar dele. Está muito perto do seu fim, Holmes. Vou me sentar aqui e assistir à sua morte.”

A voz de Holmes se reduziu a um sussurro quase inaudível.

“Que é?” perguntou Smith. “Aumentar o gás? Ah, as sombras começam a cair, não é? Sim, vou aumentar a chama para poder vê-lo melhor.” Atravessou o quarto e a luz se avivou de repente. “Há algum outro pequeno serviço que eu possa lhe prestar, meu amigo?”

“Um fósforo e um cigarro.”

Quase gritei de alegria e espanto. Ele falava na sua voz natural — um

pouco fraca, talvez, mas exatamente a voz que eu conhecia. Houve uma longa pausa e senti que Culverton Smith estava parado, fitando seu interlocutor num pasmo silencioso.

“Que significa isto?” Ouvi-o dizer por fim num tom seco e áspero.

“A melhor maneira de desempenhar bem um papel é vivenciá-lo”, disse Holmes. “Dou-lhe minha palavra de que durante três dias não comi nem bebi nada, até que você fizesse a bondade de me dar aquele copo d’água. Mas é a falta do tabaco que me parece mais maçante. Ah, aqui *estão* alguns cigarros.” Ouvi o rascar de um fósforo. “Agora está muito melhor. Ouça! Estarei ouvindo os passos de um amigo?”

Ouviram-se passos lá fora, a porta se abriu e o inspetor Morton apareceu.

“Está tudo em ordem e este é o seu homem.”

O policial fez as advertências de praxe.

“Eu o prendo sob a acusação de assassinar um certo Victor Savage”, concluiu.

“E poderia acrescentar pela tentativa de assassinar um certo Sherlock Holmes”, observou meu amigo com uma risadinha. “Para poupar trabalho a um enfermo, inspetor, Mr. Culverton Smith fez a gentileza de emitir nosso sinal, aumentando o gás. A propósito, o prisioneiro tem no bolso direito do paletó uma caixinha que seria conveniente retirar dali. Ponha-a aqui. Ela poderá desempenhar seu papel no julgamento.”

Houve um súbito corre-corre e um tumulto, seguido pelo estrépito do ferro e um grito de dor.

“Assim só vai se machucar”, disse o inspetor. “Fique quieto, sim?” Ouviu-se o clique das algemas se fechando.



“Assim só vai se machucar’, disse o inspetor. ‘Fique quieto, sim?’” [Walter Paget, *Strand Magazine*, 1913]

“Uma bela armadilha!” gritou a voz aguda e ríspida. “Isso vai levar *você* ao banco dos réus, Holmes, não eu. Ele me pediu para vir aqui tratar dele. Tive pena e vim. Agora ele vai alegar, sem dúvida, que eu disse todas as mentiras que quiser inventar para corroborar suas suspeitas insanas. Pode mentir como quiser, Holmes. Minha palavra sempre valerá tanto quanto a sua.”

“Céus!” exclamou Holmes. “Tinha me esquecido totalmente dele! Meu caro Watson, devo-lhe mil desculpas. Pensar que não dei pela sua falta! Não preciso apresentá-lo a Mr. Culverton Smith pois estou informado de que se encontraram antes esta tarde. Estão com o carro de aluguel lá embaixo? Eu os seguirei quando estiver vestido, pois posso lhes ser de alguma utilidade na delegacia.”

“Nunca precisei tanto disto”, disse Holmes enquanto se revigorava com um copo de clarete e alguns biscoitos nos intervalos de sua toailete. “Mas, como sabe, meus hábitos são irregulares e uma proeza como esta significa

menos para mim que para a maioria dos homens. Era absolutamente essencial que Mrs. Hudson realmente me acreditasse doente, já que ela deveria transmitir isso para você e você, por sua vez, para ele. Não se ofenderá, Watson? Deve compreender que entre seus muitos talentos não há lugar para a dissimulação, e que se você partilhasse meu segredo nunca teria sido capaz de transmitir a Smith a necessidade urgente de sua presença, que era o ponto vital de todo o plano. Conhecendo a natureza vingativa dele, estava plenamente convencido de que viria contemplar sua obra.”

“Mas o seu aspecto, Holmes — seu rosto cadavérico?”

“Três dias de jejum absoluto não deixam ninguém mais bonito, Watson. Quanto ao resto, não há nada que uma esponja não cure. Com vaselina na testa, beladona nos olhos, ruge nas maçãs do rosto e crostas de cera de abelha nos lábios pode-se produzir um efeito muito satisfatório. A simulação de doenças é um assunto sobre o qual pensei por vezes em escrever uma monografia. Uma conversinha ocasional sobre meias coroas, ostras e outros assuntos extemporâneos produz um agradável efeito de delírio.”

“Mas por que não me deixava chegar perto, já que não havia na verdade nenhuma infecção?”

“Então não sabe, meu caro Watson? Imagina que não tenho nenhum respeito por seus talentos médicos? Poderia passar pela minha cabeça que seu astuto julgamento se deixaria convencer por um moribundo que, por mais fraco que estivesse, não tinha pulsação elevada nem febre? A quatro metros, eu podia enganá-lo. Se não conseguisse, quem traria meu Smith para o meu alcance? Não, Watson, eu não tocaria nessa caixa. Você pode ver, olhando-a de lado, o lugar em que a mola de ponta afiada como o dente de uma víbora emerge quando ela é aberta. Ouso afirmar que foi com um truque desse tipo que o pobre Savage encontrou a morte, por se interpor entre esse homem e uma reversão. Mas, como você sabe, minha correspondência é variada, e estou sempre prevenido contra qualquer pacote que me chegue. Ficou claro para mim no entanto que, fingindo que ele fora realmente bem-sucedido em seu projeto, eu poderia surpreender uma confissão. Levei esse simulacro a cabo com a meticulosidade de um verdadeiro artista. Obrigado, Watson; por favor, ajude-me com o paletó. Quando eu tiver terminado na delegacia, creio que alguma coisa nutritiva no Simpson’s viria a calhar.”